

Os reforçadores de opinião

Afinal, a sociedade em que vivemos é da informação, como tudo leva a crer, ou da desinformação, como às vezes se desconfia? É indiscutível que jamais as pessoas se informaram tanto quanto agora, em termos de quantidade, rapidez e qualidade. Mas não se sabe ao certo como são recebidas as mensagens transmitidas sem cessar, a todo momento — o que aceitamos e o que rejeitamos. O debate ganhou atualidade diante de um enigma que ainda não encontrou resposta: por que, apesar da avalanche de denúncias da imprensa contra ele e seu governo, Lula continua à frente das pesquisas, pelo menos até agora?

Os jornalistas e colunistas políticos mal disfarçam uma justa frustração e um certo (re)sentimento de derrota. É como se todo o seu trabalho tivesse sido inútil. De que adiantaram tantas críticas e acusações? Quase como consolo, costuma-se atribuir o fenômeno aos segmentos “menos esclarecidos” da população, os que não lêem jornais.

Será que é isso? Além de ser uma alegação elitista, que lembra a desculpa dos políticos quando perdem — a culpa é do povo, que não sabe votar —, ela não se sustenta. Primeiro, porque Lula não



chegou aos 50% das intenções de voto contando só com esses eleitores. Depois, porque os tais segmentos podem não ter acesso aos jornais e à Internet, mas vêem televisão, e esta teve papel importante na revelação dos escândalos. Não desconheciam o que a mídia divulgava. Talvez conhecessem até demais.

Outro dia assisti a um seminário na Academia Brasileira de Letras em que alguns colegas de profissão se dividiram quanto à questão. Houve quem

contrariasse a opinião predominante e afirmasse que, no fundo, somos a sociedade da desinformação. Um exemplo fez sucesso na platéia: “Se fôssemos da informação, Lula não seria reeleito, seria preso.” O debate foi proveitoso, mas não desfez a dúvida, talvez porque o processo encerre um paradoxo. Ao ser informativo em excesso, acaba desinformando. A torrente de imagens, sons, palavras, idéias e conceitos emitidos está chegando ao destino como ruído e não como mensagem. Informação demais, como tudo, causa indigestão.

É uma hipótese. A outra é que nós, jornalistas, se não somos irrelevantes, devemos, pelo menos, perder um pouco da nossa mania de grandeza e da soberba de achar que fazemos a cabeça dos outros. Em matéria de preferências políticas, há mais livre arbítrio do que se pensa. Nada mais impróprio do que nos chamarem de “formadores de opinião” (de minha parte, não formo nem na minha casa), quando não somos nem “reformadores”. No máximo, “reforçadores”. Nunca soube de alguém dizendo: “Penso assim, mas estou querendo mudar de idéia.” Com exceção dos indecisos, os que nos procuram é para confirmar uma convicção, não para mudá-la.